

“Mercados de alta em ações nascem no pessimismo, crescem no ceticismo, maturam no otimismo e morrem na euforia.”

(John Templeton)

Caro(a) cliente da Foster,

Em nossas reuniões internas periódicas, nas quais avaliamos as carteiras de investimento de nossos clientes em conjunto com o time de assessores, chegamos a uma constatação: a parcela de alocação dos nossos clientes em Renda Variável (ações, fundos de ações) está no menor nível desde a fundação da Foster em 2018.

Durante o comitê, nosso time comercial, que conhece bem os clientes por conta do contato frequente, apresentou diversas justificativas para a baixa alocação em renda variável:

- (a) Nos últimos anos a taxa básica de juros (Selic) atingiu um patamar acima de 13% a.a., tornando a renda fixa super atrativa;
- (b) Começamos o ano com uma incerteza muito grande sobre o rumo da economia brasileira com o novo Governo;
- (c) O receio de uma recessão americana e o aumento da taxa de juros realizada pelo Banco Central americano (FED);
- (d) A guerra entre Rússia e Ucrânia e os efeitos negativos econômicos nos preços dos alimentos e das fontes energéticas (claro, além da catástrofe humanitária);
- (e) A frustração dos clientes que investiram em renda variável nos últimos 3 anos, período em que a bolsa brasileira oscilou entre 95 mil e 130 mil pontos, e obtiveram retornos abaixo do CDI.

Esses argumentos são reais e, de fato, influenciaram até aqui a performance dos preços dos ativos. É por isso que nós, na Foster, fomos muito vocais em recomendar um aumento expressivo na alocação em renda fixa, além de uma diversificação internacional. Afinal, por que correr riscos de oscilação no patrimônio se temos ativos que estavam oferecendo retornos mensais superiores a 1% a.m.? Nosso comprometimento é com a preservação e a evolução do seu patrimônio. Por exemplo, mesmo os investidores com rendimentos ligeiramente abaixo do CDI em 2023 encerrarão o ano com retorno real positivo (acima da inflação). Uma carteira rendendo 80% CDI deverá gerar ganho real de aproximadamente 5% no ano, alinhado com os planos de longo prazo de grande parcela dos investidores.

Dando sequência na reunião, a pauta migrou para as mudanças que estão ocorrendo na conjuntura econômica local e mundial e suas implicações para os retornos esperados dos ativos. No Brasil, está em curso um processo de queda da taxa básica de juros (Selic) que se iniciou no último mês de agosto e deve adentrar 2024. Quando avaliamos as projeções realizada pelo Banco Central do Brasil (BCB) com os participantes de mercado, observamos que a Selic projetada para o final de 2024 está em 9,00% e para 2025 em 8,50%.

Ao mesmo tempo, o crescimento econômico no país vem surpreendendo positivamente, puxado primeiramente pela agricultura e pelo setor de extração mineral. Esse aumento de renda, em parte, se transforma em consumo de todos os tipos de bens e serviços no campo e nas cidades. A taxa de desemprego no país está no menor patamar desde 2014. Este fato sugere que a massa salarial, com a inflação em queda, aumentará o poder de compra da população.

Avançando nessa nova conjuntura, constatamos que as empresas brasileiras deverão ter menor custo financeiro para financiar seus projetos de expansão e de capital de giro concomitantemente ao potencial aumento do consumo interno de bens e serviços. Em outras palavras, maior lucratividade para as empresas. Esperamos que esse aumento de lucratividade seja heterogêneo entre os setores da economia, reforçando o papel dos gestores de fundos e clubes de ações na seleção das empresas que se sairão melhor nesse cenário.

Como já citamos em outras oportunidades, essa conjuntura nos lembra muito o ano de 2016. Os investidores estavam totalmente descrentes, e isso foi agravado pelo fato de que eles estavam à mercê das notícias dos grandes veículos de comunicação. Afinal, notícias ruins vendem mais do que notícias boas.

Naquela época, para reforçar mais uma vez a dinâmica que ocorreu no mercado financeiro, a Selic estava em um patamar de 14,25% a.a. e ficou neste nível até outubro do mesmo ano. Nesse ínterim de dez meses, a Bolsa brasileira subiu incríveis 60%! Entre 2016 e 2019, o Ibovespa subiu 95%, saindo de um patamar de 60 mil pontos até atingir 117 mil pontos antes da pandemia.

Diante deste fato, estamos sugerindo aos nossos clientes aproveitarem o colchão de segurança criado com os ativos de renda fixa, os quais irão gerar retornos superiores ao CDI nos próximos anos, para aumentar a alocação em fundos de ações e multimercados. Da forma como falamos internamente, a renda fixa em abundância na carteira aumenta o “orçamento de risco” para ousar mais em outras estratégias. E nesse momento a bolsa brasileira e as cotas depreciadas dos fundos multimercados nos parecem excelentes oportunidades.

O que buscamos evitar com esse aconselhamento é que o excesso de conforto que a renda fixa proporcionou nos últimos anos o iniba de aproveitar as demais oportunidades de mercado. Entendemos que correr algum tipo de risco com os investimentos, adequado ao perfil de cada investidor, é o caminho necessário para resultados sólidos de longo prazo. O investidor que se antecipa ao ciclo de redução da Selic, e não deixa para comprar ações apenas quando o retorno da renda fixa se torna insuficiente, tipicamente é premiado com retornos generosos ao longo dessa jornada. A má assessoria é aquela que, por receio de se indispor com você, cliente, apenas reforça o conforto da renda fixa e não provoca essa reflexão para que, em conjunto, cliente e assessor(a) possam tomar decisões de forma prospectiva, e não apenas com base no retrovisor do histórico recente.

Um grande abraço,

Equipe Foster